



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17508 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

IDENTIDADE PEIXENSE: Oralidades e Mitos do Fundo do Rio

Verilucy Cristine Pinheiro Brito - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Marina Rodrigues Miranda - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPES e CAPES

IDENTIDADE PEIXENSE:

Oralidades e Mitos do Fundo do Rio

Aqui me interessa contar sobre o que chamarei de identidade peixense, inspirada pela minha orientadora, alguém que me convidou a trilhar o caminho de volta a minha ancestralidade. Essa identidade vem sendo construída desde a minha existência nesse tempo em que o meu mais velho, meu avô, parecia saber que hoje eu estaria escrevendo essas palavras dando continuidade e mantendo viva a nossa identidade de gente peixe, semente que se planta no rio. Assim como Exu que matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje. Começarei essa história pelo “fim” até que possamos dissolver a ideia da existência do final, ao pensar o tempo de maneira circular, aprofundando sobre a ancestralidade, o presente e o futuro ancestral. Portanto direi dos últimos dias antes do encantamento de meu avô, do seu retorno para o Orum, quando finalmente o velho contador de histórias me contou o motivo de não beber água, ele me disse “Eu já virei peixe”.

Tive a sorte de ter um avô Griôt que me contou das nossas origens na cidade chamada Itororó um termo de origem Tupi que na língua portuguesa significa “jorro de água”, meu avô conta que em Itororó existe uma pedra muito grande, e isso me remete diretamente a cantiga de infância que nos cantam “Fui na fonte do Tororó”. Histórias de gente peixe no trabalho árduo nas roças de cacau das quais eu sei por ouvir as mesmas histórias desde criança e ir atribuindo significados a minha escuta à medida que mudava também meu olhar e amadurecimento pelas minhas próprias andanças.

A cacauicultura é uma das principais formas de movimentação da economia da região, e o trabalho na roça exige saberes de facão, portanto minha identidade peixense é marcada pela pedra grande, pelo jorro d'água, e pelo cacau onde o símbolo maior é o facão, escolhido não por mim, mas pelo meu avô que se autointitulava “Rei do Facão”. Esses escritos é um convite para as profundezas onde vive a gente peixe, a gente não vista quem vem do território água.

O fundo do rio é um lugar mítico onde a materialização dos seres que vivem por lá está em diferentes culturas no mundo, existe algo em comum na construção simbólica do imaginário de povos diversos, mesmo que a materialização do ser mítico que vive no fundo possa assumir formato de serpente, dragão ou até mesmo um grande peixe ou o próprio rio. Assim, Pinto (2012) em sua pesquisa dedicada à observação da realidade amazônica relata que “(...) o mito é uma forma de pensamento que se traveste e ganha contornos inéditos.” (Pinto, 2012, p. 23). A autora nos traz também o simbólico enquanto “uma estrutura cognitiva e ontológica fundamental: o símbolo evoca, focaliza, reúne e concentra uma multiplicidade de sentidos, dependendo do contexto a que é associado.” (Pinto, 2012, p. 24).

A escolha de construir uma escrita através das narrativas a mim contadas é parte de uma ideia coletiva também trazida por Krenak (2020) onde para ele “(...) adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.” (Krenak, 2020, p. 27). Portanto a oralidade que agora escrevo faz parte disso.

Meu avô muito doente me contou no dia seguinte que estava no quarto sozinho à noite e teve medo de morrer ali sem ninguém, e nessa hora me viu entrar no quarto e deitar nos seus pés. Seu medo não era a morte do corpo físico, mas sim da memória, nesse dia assumi internamente meu papel de guardião dessas histórias, dessa memória coletiva que me fez saber de onde viemos e que hoje posso escrever. Mesmo que materializada na escrita, quero trazer a oralidade como um dos pilares do trabalho, sendo ela a coluna vertebral da minha identidade peixense. Faço aqui referência aos escritos de Santos (2023) que nos trás sobre a chegada da escola escriturada em seu território onde

“A escrita queria, a qualquer custo, se instalar e passar a ser a linguagem predominante (...). As nossas mestras e os nossos mestres da oralidade foram considerados desnecessários pelo sistema, e tentaram substituí-los pelos mestres da escrituração, o que acontecia no outro mundo, o mundo das escrituras, o mundo de fora da comunidade.” (Santos, 2023, p. 14).

O autor relata sobre a sua ida para a escola e apropriação dessa linguagem para poder contribuir com sua comunidade na resolutividade já que os contratos outrora feitos através da

oralidade foram transformados em contratos escritos. Algo que também compõe esse modo de pensar entre o escrever a oralidade nos escritos de Santos conflui com o pensamento de Krenak em relação a ideia de modernidade trazida pela cidade. Santos nos diz: “Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão. Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer nossa trajetória.” (Santos, 2023, p. 25). Aqui Santos nos traz a ideia de que no mundo moderno chamado por ele de cidade, para algo ter valor é preciso que se torne uma mercadoria. Krenak (2020) em “Ideias para adiar o fim do mundo” faz menção a José Muijica quando diz da transformação de pessoas em consumidores e problematiza

“Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões.” (Krenak, 2020, p. 25)

A proposta da modernidade, o capitalismo, o consumismo e as ideias que seguem esse pensamento de mercantilização dos recursos da terra, também são trazidas por Smith (2018) onde a autora pontua as facetas do projeto modernista desde a colonização nos séculos XVIII e XIX. A modernidade traz em si a valorização do saber, a superioridade do saber ocidental

“A produção de conhecimento, novo conhecimento e conhecimento “velho” transformado, e as ideias a respeito da natureza da cognição e da validade de formas específicas de saber tornaram-se commodities de exploração colonial tanto quanto outros recursos naturais.” (Smith, 2018, p. 17).

Desde a colonização somos aprisionados pelo sonho colonizador da modernidade. Como saber sobre minha origem? Minha identidade? Se o mundo moderno insiste em tirar a gente que flui na beira do rio para viver à margem da sociedade? Se as minhas e os meus ancestrais vieram de navio e foram arrancados da floresta para serem encarcerados, somando a maior parte da população carcerária?

“A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se essas pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas nesse mundo maluco que compartilhamos.” (Krenak, 2020, p. 14)

Tendo, assim como Santos me apropriado da linguagem escrita e esse ser um projeto de pesquisa voltado à educação é um desafio trazer essa memória ancestral, poder buscá-la enquanto pesquiso e dizer se a gente peixe pode e deve estar na educação básica

Palavras chave: Peixe, Identidade, Oralidade, Ancestralidade, Memória.

Referências

- KRENAK, Ailton. Ideias Para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- PINTO, Marilina da Conceição. Cultura e Ontologia no Mito da Cobra Encantada . Manaus:

Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. Descolonizando mettdologias: pesquisa e povos indígenas. UFPR, 2018.